

«The Game of Logic» — Cláudio Garrudo, Rui Horta Pereira, Rui Soares Costa

26 Fevereiro / 3 Março 2019

JUST MAD

“Would you tell me, please, which way I ought to walk from here?”

“That depends a good deal on where you want to get to,” said the Cat.

“Alice no País das Maravilhas”, Lewis Carroll

Beneath her foot-stool, Science groans in Chains,

And Wit dreads Exile, Penalties and Pains.

There foam’d rebellious Logic, gagged and bound,

There, stript, fair Rhet’ric languish’d on the ground.

“The Dunciad”, Alexander Pope

De Lewis Carroll conhecemos, desde sempre, o gato com sorriso de lua, o coelho que nunca tem tempo, a menina Alice, destemida e curiosa que, ao entrar numa toca, é transportada para uma outra realidade, o seu país das maravilhas. O absurdo, a ironia, alguma crítica social à época vitoriana, e muita da sua lógica, retorcida, menos óbvia, elaborada, com trocadilhos linguísticos e semânticos fazem deste livro, publicado em Inglaterra em 1865, um dos ícones do nonsense, um dos mais lidos de sempre, interpretado/adaptado para cinema, teatro, e, provavelmente menos conhecido, em áreas como a Inteligência Artificial em que, recorrendo aos seus diálogos são transmitidas noções como função, semântica, recursão e iteração, entre outras. Este seu lado mais matemático, em particular da Lógica, revela-se ainda mais no livro “The Game of Logic”, do qual nos apropriámos para esta exposição. Não se trata de um romance ou de um livro de poesia, é antes um manual de instruções para um jogo inventado por Lewis Carroll, que, de forma interactiva, numa altura em que o conceito ainda provavelmente não existia ou tinha materialização concreta, convida o jogador/leitor/espectador a ir representado as suas proposições através de um conjunto de símbolos e das suas negações. A proposições vão-se acrescentando outras complexidades de sujeitos, termos, coisas/substantivos, atributos/adjectivos que nos transportam para uma outra forma de representar o mundo. Recupera Lewis Carroll, no prefácio da primeira edição, o poema “The Dunciad” de Alexander Pope: “There foam’d rebellious Logic, gagged and bound” onde anuncia, desde logo, ao que vem: devolver à Lógica a sua pertinência e relevância na compreensão do mundo, ou não estivéssemos, então, em pleno Iluminismo.

No caso desta exposição, as proposições, os símbolos e seus significados, os substantivos, os instrumentos são de outra natureza, cruzando-se num jogo de lógica que Cláudio Garrudo, Rui Horta Pereira e Rui Soares Costa nos parecem propor e convocar. Autores de um léxico muito próprio, têm desenvolvido diferentes aproximações formais às suas áreas de expressão, fundindo outros territórios que os levam da fotografia à pintura, do desenho à escultura, ou do desenho à Filosofia, transporta-nos, cada um deles, para a toca do coelho, para o labirinto mágico de Alice, onde a lógica e a razão assumem outras formalidades.

“Trinus 1142” de Cláudio Garrudo, resultante de uma residência artística a bordo de um cargueiro onde o “mar - [que] é deserto em estado líquido -” [“Sobre a esfera impossível e o azul”, Gonçalo M. Tavares, 2018], traz-nos a vertigem da ilusão, interroga-nos sobre o seu referencial, sobre a posição em que se encontra, em que nos encontramos. Para chegarmos à saída, qual plano de espelhos, há que subir ou descer? Qual é o caminho, pergunta-se Alice.

Nas suas peças tridimensionais, Rui Horta Pereira explora a formalização objectual do desenho e tenta-nos a deslizar por estes “Poços”, feitos de linhas, formas, cor e papel, compostos entre si, numa espécie de “gravidade poética”, como refere o próprio. Esta série bem com os “Borrões” assentam num conjunto de premissas, evidências, formais, metafóricas, de onde parece dizer Alice “o poço faz eco”.

As “Lifeline Series” de Rui Soares Costa são como sismógrafos do seu próprio corpo, representando e registando as suas variantes biorítmicas e o comportamento fisiológico que da linha se desprende. São como retratos de vários momentos num (aparente) paradoxo entre a abstração e a figuração. As linhas, essas nunca se tocam, têm pequenas interrupções, pausas, numa equação com parâmetros controlados. Alice parece hesitar e o batimento cardíaco aumenta numa linha que se prolonga.

Afinal, tudo depende de para onde queremos ir.

Ana Matos

Lisboa, Fevereiro 2019



«The Game of Logic» — Cláudio Garrudo, Rui Horta Pereira, Rui Soares Costa

26 February / 3 March 2019

JUST MAD

“Would you tell me, please, which way I ought to walk from here?”

“That depends a good deal on where you want to get to,” said the Cat.

“Alice in the Wonderland”, Lewis Carroll

Beneath her foot-stool, Science groans in Chains,

And Wit dreads Exile, Penalties and Pains.

There foam’d rebellious Logic, gagged and bound,

There, stript, fair Rhet’ric languish’d on the ground.

“The Dunciad”, Alexander Pope

We’ve always been familiar with Lewis Carroll’s smiling cat, his forever-late white rabbit, and Ms Alice, a brave and curious girl who, when going down a hole, is taken to a different reality, her own wonderland. The absurd, the irony, the social critique to Victorian age, and its twisted, less obvious, and elaborate, logic, full of puns and wordplay, make this book, first published in England in 1865, to figure among today’s icons of nonsense, and one of the most read books ever. It has been adapted to film, the stage, and to even lesser known areas, such as AI technology, where its dialog sequences are used to convey notions of function, semantics, recursion, iteration, among others. This more mathematical side of the work, of Logic, is explored further in the book “The Game of Logic”, which we’ve borrowed for this exhibition. Not a novel nor poetry, it is instead an instruction manual for a game, made up by Carroll himself, which uses interactivity - in a time where the concept was not yet developed as such, nor it had material application in the arts - to bring the player/reader/spectator to perform its propositions through a set of symbols and their negations. To these propositions the game adds other complexities: subjects, terminology, things/nouns, attributes/adjectives, thus showing us other ways of saying the world. In the preface to its first edition, Lewis Carroll quotes from Alexander Pope’s poem “The Dunciad” (“There foam’d rebellious Logic, gagged and bound”) to warn us, from the very beginning, what he’s aiming at, in the Age of Lights: to bring Logic back its role and relevance in how we make sense of the world.

In this exhibition, propositions, symbols and their meanings, nouns, tools are of a different nature, even though they intersect each other in this game of logic Cláudio Garrudo, Rui Horta Pereira and Rui Soares Costa are inviting us to play. Each with his own particular lexicon, they have been working on different thresholds to their areas of expression, from photography to painting, from drawing to sculpture, or Philosophy. Here, they are drawing us into the rabbit hole, into Alice's magical labyrinth, where logic and reason take on different shapes.

Cláudio Garrudo's "Trinus 1142" is the outcome of an artistic residency aboard a cargo ship, where "the sea - [which] is the desert in liquid form" -" ["Sobre a esfera impossível e o azul" , Gonçalo M. Tavares, 2018, our translation]. It gives us the thrill of illusion, and it questions us on its referential, on where it stands, on where we stand. In order to reach the exit, as in a mirror-house, do we go up or down? "Which way should I go?", asks Alice .

In his tri-dimensional works Rui Horta Pereira explores the drawing-made-object and tempts us to go down these "Wells/Poços", made of lines, shapes, colour, and paper, in intertwined composition, in some kind of – in his own words - "poetic gravity". This series, along with "Borrões", is built upon a set of premises, evidences, formal, metaphorical, from where Alice seems to say "the well makes an echo".

The works in Rui Soares Costa's "Lifeline Series" are like seismometers to his own body, representing and recording his bio-rhythmic variations and bodily performances that diverge from the line. They are portraits of different moments in a (seeming) paradox between the abstract and the representational. The lines never meet, they have only short interruptions, pauses, in an equation with controlled parameters. Alice seems to hesitate and her heartbeat goes faster in an ever-going line.

It all depends, after all, a good deal on where you want to get to.

Ana Matos

Lisboa, February 2019

Translated: Cláudia Pinto



«The Game of Logic» — Cláudio Garrudo, Rui Horta Pereira, Rui Soares Costa

26 Febrero / 3 Marzo 2019

JUST MAD

“Would you tell me, please, which way I ought to walk from here?”

“That depends a good deal on where you want to get to,” said the Cat.

“Alice in the Wonderland”, Lewis Carroll

Beneath her foot-stool, Science groans in Chains,

And Wit dreads Exile, Penalties and Pains.

There foam'd rebellious Logic, gagged and bound,

There, stript, fair Rhet'ric languish'd on the ground.

“The Dunciad”, Alexander Pope

De Lewis Carroll conocemos, desde siempre, el gato con sonrisa de luna, el conejo que nunca tiene tiempo, la niña Alicia, intrépida y curiosa, que al entrar en una madriguera es transportada a otra realidad, su país de las maravillas. El absurdo, la ironía, cierta crítica social a la época victoriana y mucha de su lógica, retorcida, menos obvia, elaborada, con juegos de lingüística y semántica, hacen de este libro, publicado en Inglaterra en 1865, uno de los mayores iconos del nonsense, uno de los más leídos de todos los tiempos, interpretado/ adaptado al cine, teatro, y, probablemente menos conocido, en disciplinas como la inteligencia artificial, recurriendo a los diálogos que componen el libro para transmitir nociones como función, semántica, recursión e iteración, entre otras. Este aspecto matemático, en particular de la lógica, se hace más patente todavía en el libro “The Game of Logic”, que hemos adoptado para esta exposición. No se trata de una novela o de un libro de poesía, pero sí de un manual de instrucciones para un juego inventado por Lewis Carroll, que, de manera interactiva en un momento cuando el concepto todavía probablemente no existía o no tenía materialización real, invita al jugador/lector/espectador a ir representado sus proposiciones a través de un conjunto de símbolos y sus negaciones. A las proposiciones, premisas básicas, se van agregando otras complejidades de sujetos, términos, cosas/sustantivos, atributos/adjetivos que nos trasladan a otra forma de representar el mundo. Lewis Carroll recupera, en el prefacio a la primera edición, el poema “The Dunciad” de Alexander Pope: “There foam'd rebellious Logic, gagged and bound” donde anuncia, desde luego, a lo que viene: restituir a la Lógica su pertinencia y relevancia en la comprensión del mundo, pues se estaba, sin lugar a dudas, en el Siglo de las Luces.

En el caso de esta exposición, las preposiciones, los símbolos y sus significados, los sustantivos, los instrumentos son de otra naturaleza, aunque se crucen en este juego de lógica que Cláudio Garrudo, Rui Horta Pereira y Rui Soares Costa nos proponen y convocan. Autores de un léxico muy particular, han venido desarrollando diferentes enfoques formales en sus áreas de expresión, cruzando otros ámbitos desde la fotografía a la pintura, del diseño a la escultura, o del diseño a la filosofía, cada uno de ellos trasladándonos por la madriguera del conejo, al laberinto mágico de Alicia, donde la lógica y la razón asumen otras fórmulas.

“Trinus 1142” de Cláudio Garrudo, que ha resultado de una residencia artística a bordo de un carguero donde el “mar - [que] é deserto em estado líquido -” (“mar - [que] es desierto en estado líquido -”) [“Sobre a esfera impossível e o azul”, Gonçalo M. Tavares, 2018], nos trae el vértigo de la ilusión, nos interroga sobre su referencia, acerca de la posición en que se sitúa él, en que nos situamos nosotros. ¿Para llegar a la salida, que plan de espejos hay que subir o bajar? ¿Cuál es el camino?, se pregunta Alicia.

En sus piezas tridimensionales, Rui Horta Pereira explora la formalización del objeto del dibujo y nos tienta a resbalar por sus “Poços” (“Pozos”), hechos de líneas, formas, color y papel, dispuestos en red, en algún tipo de “gravedad poética”, como él mismo indica. Este conjunto, así como los “Borrões” (“Borriones”), se basan en un conjunto de premisas, evidencias, formales, metafóricas, donde Alicia parece decir “el pozo hace eco”.

Las “Lifeline Series” de Rui Soares Costa son como sismógrafos de su propio cuerpo, representando y registrando sus variantes de biorritmo y el comportamiento fisiológico que se desase de la línea. Son como retratos de distintos momentos en (aparente) paradoja entre la abstracción y la figuración. Las líneas, esas nunca se tocan, tienen breves interrupciones, pausas. Alicia parece flaquear y la frecuencia cardíaca aumenta en un renglón que se prolonga.

Al final, todo depende de hasta dónde queramos llegar.

Ana Matos

Lisboa, Febrero 2019